Ícaro Carvalho

PORT 290

Professora Patrícia Lino

Resenha sobre *O Cortiço*

*O Cortiço* é um romance brasileiro publicado em 1890 que narra, em terceira pessoa, a vida dos habitantes da estalagem de propriedade do português João Romão. Escrito por Aluísio Azevedo, a obra revela as condições desses moradores nos anos finais do século XIX na cidade do Rio de Janeiro que, para terem o sustento necessário, trabalhavam em pedreiras, fábricas, lavando roupas e até mesmo se prostituindo. A narrativa trata da ascensão econômica e social de João Romão e de seus inquilinos, bem como suas respectivas ascendências oriundas de diversas partes do globo terrestre. Na habitação popular, temos descendentes de africanos e europeus praticamente dividindo a mesma classe econômica, com diferença apenas para a capacidade de ascensão devido à cor de pele, sendo, essa miscigenação, um bom exemplo de retrato brasileiro num microcosmo.

As cenas coletivas são justamente aquelas em que os diferentes habitantes do mesmo cortiço socializam e se dividem em dois grupos distintos. O primeiro sendo formado pelo português João Romão, proprietário do cortiço e da pedreira, respectivamente, onde as pessoas moram e trabalham, enquanto o segundo grupo é integrado por aqueles que formam o cortiço como um personagem naturalista: os portugueses imigrantes, os alforriados, os homens livres e de baixa renda, as lavadeiras e tantos outros tipos que se encaixam na habitação de João Romão.

 *O Cortiço* acabou por tornar-se um dos livros mais reconhecidos e estudados na literatura brasileira, desde as aulas sobre naturalismo nas escolas até as teses que denotam as influências de *L’Assommoir* (1877) na obra, já que o texto do escritor francês Émile Zola também narra a vida de trabalhadores pobres e amontoados em um espaço pequeno. A crítica inicial à obra foi muito benéfica, mesmo que não unânime. Desde o primeiro momento, *O Cortiço* parece já ter se tornado um grande marco na literatura nacional, principalmente pelo caráter naturalista de análise, investigação e crítica social sobre uma parte da sociedade fluminense que não estava habituada a ser retratada em textos literários. Em "De cortiço a cortiço", Antonio Candido deixa claro que a dinâmica das personagens narradas está pautada de forma que o enriquecimento é feito às custas da exploração do trabalho de seus moradores, fazendo com que as relações se deem de formas estritamente hierárquicas e agressivas.

Candido é claro ao dizer que o enriquecimento de João Romão, bem como o de Miranda, é baseado estritamente em explorar o trabalho e a condição na qual seus inquilinos estão inseridos. Se antagonista ou anti-herói, João Romão se encaixa justamente em uma categoria em que o estrangeiro chega ao alheio e conquista ao vencer o meio. Já Jerônimo, o personagem português que passa por transformações corpóreas sob o sol carioca, seria o estrangeiro que chega e é vencido pelo meio, se dobrando às condições impostas, enquanto os brasileiros do romance já se mostram adaptados às condições de vivência no local.

 Apesar das intenções de Azevedo, *O Cortiço* revela bastante sobre a sociedade na qual se inseria; onde o trabalho manual segue sendo malvisto pelos habitantes locais e a ascensão do estrangeiro, por mais que contra a estrutura social imposta, ainda é pautada na exploração ao próximo. A violência social presente no romance de Aluísio Azevedo não é implícita, longe disso, mas se torna ainda mais chamativa quando analisada, já que as personagens pisam umas por cima das outras em busca da mínima condição de sobrevivência. De outro lado, aqueles que já acumularam capital agora desejam ascenderem socialmente, ocasionando na aproximação de João Romão a Comendador Miranda, desvencilhando-se daquele sentimento de estar sempre com as mãos sujas de trabalho. O resultado é uma sucessão de abusos de Miranda a Romão, de Romão a alguns inquilinos e destes a outros habitantes do cortiço, culminando na cruel cena em que Bertoleza, de forma nem tão metafórica assim, abre o próprio ventre como costumava fazer com os peixes.